TRABALHO-EDUCAÇÃO: DIALOGANDO SOBRE A PRÁXIS HUMANA EM RELAÇÃO AO TRABALHO E A EDUCAÇÃO

Marcia Aparecida de Barros da Cruz (PPGE/UFMT) – marciasantoscruz@hotmail.com
Edson Caetano (PPGE/UFMT) – caetanoedson@hotmail.com
GT 16: Trabalho e Educação

Resumo:
O presente trabalho apresenta uma reflexão que tenho realizado na minha trajetória acadêmica sobre a relação trabalho-educação, o qual se intensificou com o meu ingresso no programa de pós-graduação na Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, no doutorado em Educação – seletivo de 2018, e na minha inserção no Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Trabalho e Educação – GEPTE. O objetivo deste artigo é dialogar sobre a relação trabalho-educação, pensando a partir da constituição do trabalho enquanto um processo educativo, e na educação escolar como sendo um espaço essencial para formar sujeitos pensantes, críticos e reflexivos, capazes de promover o processo de organização da classe trabalhadora em prol da transformação da sociedade. Este estudo foi realizado na modalidade de pesquisa qualitativa, fundamentada no Materialismo Histórico Dialético como método que nos leva a interpretar, intervir e a pensar na transformação da realidade concreta. Considerando que o trabalho se constitui enquanto um processo educativo e a educação como sendo essencial para a organização da classe trabalhadora, acreditamos que a relação trabalho-educação é fundamental para a construção de identidades, e a formação de sujeitos conscientes, capazes de construir alternativas para contrapor a lógica do sistema capitalista.
Palavras-Chave: Trabalho e Educação. Processo Educativo. Práxis Humana.

1 Introdução

Ao analisarmos o contexto histórico, político, econômico e cultural do Brasil percebemos que historicamente o país foi marcado pela violência em desfavor a classe trabalhadora. Cada vez mais a classe trabalhadora precisa estar inserida no processo de (des)construção das estruturas sociais, lutando em prol dos objetivos e dos direitos da classe, seja por pequenas causas ou por uma transformação social. Tais lutas advém de um processo de construção e reconstrução histórica, marcada pela violência, exploração e muitas das vezes pela morte desse povo.

As novas configurações sociais que essas lutas foram adquirindo historicamente, culminaram em novas roupagens e na organização de novos movimentos formado por grupos com diferentes formas de ser e estar no mundo. Movimentos estes que se organizavam na busca por direitos, seja individual ou coletivo. Tais lutas foram se intensificando ao longo dos anos e foram surgindo novas reinvindicações dependendo do objetivo e das circunstâncias os quais estavam vivendo.

Sendo assim, como enfatiza VÁZQUEZ;

> A história só existe como história feita pelos homens, e estes só existem produzindo uma nova realidade com sua práxis produtiva e produzindo-se a si

> mesmos em um processo que não tem fim; isto é, os homens transformam e se transformam a si mesmos e essa história de suas transformações é propriamente sua verdadeira história (2007, p. 339).

Nesta perspectiva, pensar na classe trabalhadora significa pensar no sujeito como um todo, considerando sua formação humana, e principalmente sua relação com a categoria trabalho, pois o homem como um ser histórico-social se constitui nas relações humanas e produtivas. Tornando-se parte integrante no processo de desenvolvimento da sociedade, considerando a sua contribuição na transformação das relações sociais, como forma de sobrevivência.

Neste sentido, podemos dizer que o ser humano vai se constituindo enquanto um ser racional, capaz de pensar e transformar o espaço que vive para garantir a sua existência. Contudo, é um ser dependente, pois depende da natureza para produzir a sua existência e garantir que as gerações futuras possam existir. Podemos dizer que é preciso cuidar da natureza para que o ser humano e os demais seres vivos possam garantir sua existência e a do planeta terra.

Levando em consideração este contexto e mediante aos estudos que tenho realizado ao longo da vida acadêmica, o qual tenho refletido e dialogado sobre a relação trabalho-educação, desde a minha inserção como bolsista de pesquisa-extensão no Núcleo de Estudos e Praxiologias da Universidade e do Mundo do Trabalho - Núcleo UNITRABALHO, na Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, durante a Especialização em Economia Solidária e Políticas Públicas – Unemat (2017), e no Mestrado em Educação – Unemat (2018), os quais se intensificaram com a minha incersão no Doutorado em Educação (2018), na linha de pesquisa Movimentos sociais, Política e Educação Popular e no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho e Educação (GEPTE), o qual tem se ocupado em discutir temáticas relacionadas a área de trabalho e educação, tendo suas ações mais direcionadas a temas como: trabalho, produção associada, saberes do trabalho/experiência, cultura do trabalho, gênero e trabalho e comunidades tradicionais[1].

Com base nestas questões que propomos neste artigo dialogar sobre a relação trabalho-educação, pensando a partir da constituição do trabalho enquanto um processo educativo, e na educação escolar como sendo um espaço essencial para formar sujeitos pensantes, críticos e reflexivos, capaz de promover o processo de organização da classe trabalhadora em prol da transformação da sociedade.

[1] Disponível em: https://gepteufmt.webnode.com/sobre-nos/

2 Trabalho e Educação: uma reflexão necessária

É evidente que o ser humano é parte integrante da natureza, e que o mesmo só existe mediante esta relação de transformação, construção e reconstrução do meio em que vive. Conforme Saviani "diferentemente dos animais, que se adaptam à natureza, os homens têm de adaptar a natureza a si. Agindo sobre ela e transformando-a, os homens ajustam a natureza às suas necessidades" (SAVIANI, 2007, p. 3).

Vázquez também teoriza em seus escritos sobre a relação homem e a natureza e reflete sobre a adaptação do ser humano ao meio ao qual está inserido por meio da práxis humana;

> O homem só existe na relação prática com a natureza. Na medida em que está – e não pode deixar de estar – nessa relação ativa, produtiva, com ela, a natureza lhe é oferecida como objeto ou matéria de sua atividade, ou como resultado desta, isto é, como natureza humanizada (VÁZQUEZ, 2007, p. 129).

Podemos dizer que a práxis humana é justamente o que o diferencia o ser humano dos demais seres vivos. O que significa que o ser humano vai se constituindo historicamente como um ser capaz de se adaptar e de adaptar o meio em que vive para garantir suas necessidades básicas e as necessidades socialmente construída.

Neste sentido, Saviani reforça a importância do trabalho como fator fundamental do processo educativo do ser humano, pois o mesmo vai se constituindo na relação da práxis, e precisa aprender a produzir a própria existência.

> Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo (SAVIANI, 2007, p. 3).

Frente a este contexto minhas inquietações se deparam com questões que já venho estudando e debatendo andarilhando nos diversos espaços que tenho atuado enquanto militante, estudante, pesquisadora e professora na rede pública de ensino. Como sabemos muito bem pela lamentável contextualização histórica do nosso país, o ser humano foi se constituindo enquanto um ser tomado pela ganancia e pela busca constante da lucratividade.

Podemos dizer que a sobreposição da racionalidade humana na busca por satisfazer suas necessidades socialmente construída o levou a tornar-se um ser desumano,

que é capaz de usar o trabalho para fazer atrocidades com o outro, neste caso podemos dizer que este outro é a classe trabalhadora, que é explorada para satisfazer os caprichos de uma minoria que detém o poder, gerado em meio a este sistema capitalista, que tem como lema: o lucro acima de tudo e de todos.

> [...] há uma distorção pelo homem na forma de organização das atividades humanas considerando que este passa a usar o trabalho como forma de explorar o outro. Isso significa que o homem deixou de lado a sua humanização, e passou a apropriar-se da natureza, em razão de sua ação enquanto homem, o que significa a sobreposição da racionalidade humana na busca para satisfazer suas necessidades socialmente construídas**.** Portanto, o ser humano é fruto do trabalho, assim, como o trabalho humaniza o ser humano, dependendo das condições também pode desumaniza-lo, ou seja, pela a sua ação (CRUZ, 2018, p. 72).

Para nós, contudo, neste momento a questão não está propriamente em entender o conceito de trabalho e nem as dimensões nele contido, mas sim em compreender o trabalho como fator fundante no desenvolvimento histórico do ser social, as relações e contradições nele implicadas. Pois ao olharmos para a historicidade do trabalho enquanto fundamento ontológico do ser social, o qual produz as condições materiais objetivas e subjetivas as necessidades básicas para a existência do ser humano, percebemos que as relações dos seres humanos foram marcadas pela exploração e pela violência contra a classe trabalhadora, sobretudo nas relações sociais de produção de bens e serviços fortemente perpetuado neste sistema capitalista, que implica principalmente nas relações sociais e econômicas.

> O trabalho é uma condição humana consciente e proposital quando o indivíduo se apropria da natureza, alterando seu estado natural, em seu próprio proveito, mas não modifica apenas o material sobre o qual opera, transforma-se o próprio ser humano. O desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais de produção forja novas relações sociais e econômicas, que se materializam em diferentes modos de produção (CAETANO; NEVES, 2014, p. 5).

Cabe neste sentido reconhecer as inter-relações que existem neste processo, o qual vêm sendo construído historicamente, e tem gerado formas diferenciadas de organizar as relações de trabalho e as implicações geradas neste sistema. O trabalho é um fator essencial a vida humana, e passa a modificar as relações dos seres humanos a partir do momento que os sujeitos passam a compreender que a sua materialidade passa a ter uma ação modificadora no seu modo de produção da vida. Isso passa a implicar não apenas as necessidades individuais, mas, as necessidades da coletividade.

Frente a este contexto percebemos a importância do trabalho enquanto fator primordial para garantir a existência humana. O que nos levam a refletir sobre a organização da sociedade, principalmente no modo como os sujeitos se relacionam e utilizam do trabalho para produzir e reproduzir a vida.

> O trabalho é parte fundamental da ontologia do ser social. A aquisição da consciência se dá pelo trabalho, pela ação sobre a natureza. O trabalho, neste sentido, não é emprego, não é apenas uma forma histórica do trabalho em sociedade, ele é a atividade fundamental pela qual o ser humano se humaniza, se cria, se expande em conhecimento, se aperfeiçoa. O trabalho é a base estruturante de um novo tipo de ser, de uma nova concepção de história (FRIGOTTO, CIAVATTA, RAMOS, 2005, p. 04).

Aqui a questão crucial, não é olhar para o trabalho enquanto uma atividade de emprego, pelo qual o ser humano adquire o seu sustento, mas sim, como uma atividade fundamental pela qual o ser humano se humaniza, se relaciona, produzem conhecimento, cria e recria múltiplas formas de existência, conforme é explicitado por Caetano e Neves;

> As análises efetivadas partem da categoria trabalho, ancorada no arcabouço teórico formulado por Marx, porém concebendo o trabalho não apenas no seu sentido ontológico, mas, sobretudo como princípio educativo. No interior das relações sociais, ao trabalhar, os homens produzem conhecimento; o que lhes permite manter, conservar, criar e recriar múltiplas formas de existência (CAETANO; NEVES, 2014, p. 1).

Nessa perspectiva, fica bastante claro que o trabalho caracteriza a forma pelo qual o ser humano passa a relacionar-se com a natureza e com o outro. Uma relação de aprendizagem e transformação constante. Conforme ressalta Saviani;

> Diríamos, pois, que no ponto de partida a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade. Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam se e educavam as novas gerações. A produção da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem (SAVIANI, 2007, p. 154).

Essas considerações permanecem válidas para o presente e para o futuro, considerando que os seres humanos vivem num processo constante de aprendizagem na relação trabalho e educação. Haja vista que a sociedade vive num processo constante de transição, o qual fica sempre em evidencia neste sistema capitalista. Conforme Chesnais (2000) a sociedade vive uma época de instabilidade social, em um mundo mundializado, marcado pela desigualdade social, gerado pela injustiça, pela opressão-violência, exploração, contra a classe trabalhadora.

Tais fatores refletem na própria negação do ser humano, que amplia uma ordem reprodutiva do capital, gerada por um pequeno grupo, que apesar de minoritário, controla o capital financeiro e fortalece a desigualdade social, e fortifica a desumanização entre os seres humanos. Por isso, conforme Freire, “constatar esta preocupação implica, indiscutivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica” (2011, p. 40).

Romper com esta lógica de organização da sociedade, significa pensar novas formas diferenciadas de ser e estar no mundo. O que representa acentuar diferentes maneiras de potencialidades e realizações positivas desenvolvida a partir de uma dada consciência humana. O que significa pensar e construir uma realidade com base em uma dialética prática de mudanças e transformações sociais, para contrapor esta crise estrutural do sistema capitalista.

Por isso nos amparamos nos escritos de Mészáros quando enfatiza que;

> O próprio Marx tentava apaixonadamente explorar os meios para realizar as mudanças transformadoras oniabrangentes necessárias para se contrapor em uma base historicamente sustentável à progressiva tendência destrutiva do sistema do capital. Ele estava plenamente ciente do fato de que sem a dedicação consciente das pessoas à realização da tarefa histórica monumental de instituir uma ordem sociometabólica radicalmente diferente e viável de reprodução não poderia haver êxito. A força intelectual persuasiva da apreensão teórica, por mais bem fundamentada que fosse, não era por si só suficiente. O modo como formulou esse problema, com grande senso de realidade, foi o reconhecimento de que "não basta que o pensamento procure realizar-se; a realidade deve igualmente compelir ao pensamento" (2008, p. 116).

Podemos dizer que o autor evidencia a importância da educação no processo de transformação da sociedade, contudo por si só, a mesma não é suficiente para promover essa transformação radical da sociedade. É preciso que além dos conhecimentos teóricos haja a junção da prática, contudo, precisa ser uma teoria comprometida com a classe trabalhadora e uma prática condizente com a teoria para efetivar as mudanças sociais, que tanto se almeja para a construção de uma sociedade mais humana, justa e solidária. Por isso é preciso que haja uma tomada de consciência do ser humano.

> O papel da educação é crucial também neste sentido. Pois, por um lado, é necessário expor – por meio do papel desmitificador da educação socialista – o caráter apologético da cultura há muito estabelecida da desigualdade substantiva, em todas as suas formas, para aproximar a realização da única relação humana permanentemente sustentável de igualdade substantiva na ordem global historicamente em transformação. E, por outro lado, a intervenção positiva na elaboração dos meios de contrapor-se com êxito à dominação global do capital, pelo estabelecimento das formas organizacionalmente viáveis de solidariedade socialista, é vital para o cumprimento do grande desafio internacional de nosso tempo histórico (MÉSZÁROS, 2008, p. 124).

Vemos, portanto, que a educação corrobora para que a classe trabalhadora trilhe caminhos em contraposição ao sistema capitalista. Nunca é demais salientar a importância da educação, pois o ser humano se constitui num processo constante de aprendizagem.

Contudo, Mészáros ressalta que;

> [...] a educação formal não é a força ideologicamente primária que consolida o sistema do capital; tampouco ela é capaz de, por si só, fornecer uma alternativa emancipadora radical. Uma das funções principais da educação formal nas nossas sociedades é produzir tanta conformidade ou "consenso" quanto for

> capaz, a partir de dentro e por meio dos seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados. Esperar da sociedade mercantilizada uma sensação ativa – ou mesmo tolerância – de um mandato que estimule as instituições de educação formal a abraçar plenamente a grande tarefa histórica do nosso tempo, ou seja, a tarefa de romper com a lógica do capital no interesse da sobrevivência humana, seria um milagre monumental. É por isso, que também no âmbito educacional, as soluções "não podem ser formais, elas devem ser essenciais". Em outras palavras, eles devem abarcar a totalidade das práticas educacionais da sociedade estabelecida (2008, p. 45).

Nesta perspectiva, fica bastante claro que a sociedade capitalista agrega na educação uma condição de doutrinação permanente, a qual evidencia um sistema capitalista pela qual os indivíduos passam a ser controlados por uma ideologia dominante imbuída de valores regidas por uma sociedade de mercado.

Entretanto, a educação é também o meio pelo qual a classe trabalhadora tem para romper com este sistema alienante, considerando que a escola é um espaço capaz de construir relações reciprocas de luta, elaborando estratégias para formar sujeitos pensantes, críticos e reflexivos, conscientes do seu papel enquanto sujeitos transformadores e construtores de uma ideologia contra hegemônica.

O que significa que não temos um modelo educacional ideal formado capaz de abarcar as necessidades das duas classes sociais estabelecidas (classe da burguesia/classe dos trabalhadores). Podemos dizer, que a educação pode ou não criar estratégias de transformação, o que influencia neste contexto, é a direção que a classe trabalhadora pretende traçar, seja de submissão ou de contraposição a este modelo do capital. Conforme, é refletido por Mészáros;

> [...] o papel da educação é soberano, tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para a automudança consciente dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente. É isso que se quer dizer com a concebida "sociedade de produtores livremente associados". Portanto, não é surpreendente que na concepção marxista a "efetiva transcendência da autoalienação do trabalho" seja caracterizada como uma tarefa inevitavelmente educacional (MÉSZÁROS, 2008, p. 65).

O envolvimento ativo dos sujeitos pode construir relações coletivas para organizar ações capazes de promover transformações sociais. Essa perspectiva nos leva a pensar que é preciso que aconteça uma interação social entre os sujeitos-sociedade-escola, para que a educação possa se tornar um espaço de resistência e propositura para contrapor os princípios que rege o sistema capitalista que é marcado pela individualidade e pela competitividade entre os indivíduos, e a lucratividade acima de tudo.

Neste sentido, podemos ver claramente a importância da educação no processo de ensino-aprendizagem e na construção de estratégias para construir uma sociedade mais

humana, justa e solidária, que tenha como base princípios voltados para o cuidado e preservação da natureza, a valorização do sujeito, a cooperação, agroecologia, o trabalho associado, o trabalho enquanto um princípio educativo, capaz de garantir ao ser humano de forma consciente as suas necessidades básicas os quais são necessários à sua existência.

Acima de tudo, é preciso levar em consideração os sujeitos que fazem parte da classe trabalhadora precisam se reconhecer enquanto uma classe social, pois necessitam trabalhar para garantir a sua existência, ou seja, fazem parte de uma camada da sociedade que vende a sua força de trabalho em troca de um salário que lhes garanta a sobrevivência, que muitas das vezes nem chega a sanar suas necessidades básicas. Neste sentido, Vázquez utiliza os escritos de Marx para refletir sobre o conceito do trabalho alienado;

> O trabalho alienado não só produz mercadoria como produz o trabalho como mercadoria. Marx está ainda longe de precisar – como posteriormente o fará – que a condição de mercadoria do trabalhador baseia-se em que este se vende ao vender a sua única mercadoria que possui e que é inseparável dele: a sua força de trabalho (2007, p. 419).

É preciso considerar que em sua maioria os indivíduos não se reconhecem enquanto trabalhadores, pertencentes a uma classe social. A que podemos dizer que vem a ser a classe trabalhadora, ao mesmo tempo, podemos afirmar que os mesmos não possuem consciência de classe, e não reconhecem que seus direitos até hoje conquistado e "garantidos", foram conquistados com base em muita luta e resistência pela classe trabalhadora, digamos, que muitas vidas se perderam em meio a essas lutas, protestos, mobilizações e ações contrapondo e propondo direitos aos menos favorecidos.

Por outro lado, essa discussão precisa ser amplamente trabalhada no espaço escolar e para além dele, pois a sociedade advém de um processo alienante e contraditório em meio a este sistema capitalista, que prega uma realidade que não condiz com a da maioria da população. Tais fatores representa uma sociedade marcada pela exaltação do individualismo e da competitividade, os quais tem como lema a meritocracia. Podemos dizer que foi construído uma sociedade dos desiguais a qual promove a invisibilidade de muitos.

Frente a todo esse contexto percebemos que a sociedade é marcada desde sempre pela relação trabalho-educação, conforme já supracitado por Saviani sobre a constituição do ser humano "ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir a sua própria existência" (SAVIANI, 2007, p.

154). Neste ponto, cabe constatar que o ser humano vive num processo constante de aprendizagem, seja durante a sua vida escolar e/ou para além dela.

É indispensável então discutirmos os mundos do trabalho, considerando que o trabalho é a forma prática pelo qual o ser humano passou a efetivar o seu aprendizado e a transformar a natureza em prol de garantir a sua existência. Contudo, é inevitável pensarmos no sistema capitalista e na relação trabalho e educação, sem nos perguntarmos como a sociedade pode chegar a tal ponto de exploração e apropriação do trabalho do outro, considerando que o ser humano é um ser racional e a sua primeira relação com o trabalho é gerado em meio a uma relação coletiva dos meios de produção, onde juntos produziam meios para garantir a sua existência.

Conforme destaca Saviani;

> Nas comunidades primitivas [...] os homens apropriavam-se coletivamente dos meios de produção da existência e nesse processo educavam-se e educavam as novas gerações. Prevalecia, aí o modo de produção comunal, também chamado de "comunismo primitivo". Não havia a divisão em classes. Tudo era feito em comum. Na unidade aglutinadora da tribo dava-se a apropriação coletiva da terra, constituindo a propriedade tribal na qual os homens produziam sua existência em como e se educavam nesse mesmo processo. Nessas condições, a educação identificava-se com a vida. A expressão "educação é vida", e não preparação para a vida, reivindicada muitos séculos mais tarde, já na nossa época, era nessas origens remotas, verdade prática (2007, p. 154-155).

No entanto, nos tempos atuais será igualmente perigoso e inútil seguirmos falando sobre a relação trabalho-educação e o sistema capitalista, sem apontarmos para a necessidade da organização de um processo revolucionário da classe trabalhadora, cujo objetivo seja contrapor a forma de organização deste sistema capitalista. O que significa principalmente propor formas diferenciadas de ser e estar no mundo, considerando que o ser humano está cada vez mais vivendo em um planeta com recursos limitados, os quais são essenciais a vida e tendem a acabar se continuar a viver baseado nesta sociedade regida pelo mercado, que busca o lucro acima de tudo e de todos.

Mediante tais apontamentos nos amparamos nos escritos de Vázquez no livro Filosofia da Práxis, quando reflete sobre a missão histórica do proletariado em nossos dias, e ressalta que "a missão da classe operaria é hoje mais necessária do que nunca, não só nos países capitalista desenvolvidos, como também nos coloniais e dependentes, para assegurar revolucionariamente uma independência não só política, como econômica" (Vázquez, 2007, p. 298). Podemos dizer, que o autor aponta para a necessidade de uma revolução da classe trabalhadora, para assegurar os princípios básicos dos/as trabalhadores/as.

A análise anterior nos permitiu ver as consequências negativas do modo como a sociedade foi direcionando a organização do trabalho, a exploração e expropriação causada por ele, frente a este sistema capitalista. Agora cabe a nós refletirmos sobre a importância das relações humanas, frente ao contexto de luta e resistência por uma transformação das condições materiais e sociais do próprio trabalho.

Neste sentido, Vázquez explicita que;

> É evidente que não se trata de voltar a uma unidade entre a consciência e a mão, como a que dava no trabalho artesanal, e que o próprio desenvolvimento técnico e social torna hoje impossível; uma volta desse gênero seria uma regressão a formas de trabalho já superadas. Mas o reconhecimento da humanidade do operário e do homem como fim ultimo da produção permitirá, por um lado, elevar o papel da consciência no processo de produção na medida em que se elevar o papel do operário na direção, controle e regulação do processo prático executado, sobretudo, pelas máquinas (2007, p. 287).

Em meio ao processo de luta e resistência historicamente travada pela classe trabalhadora nos apoiamos em Marx e Engels (1986), quando em seus escritos já chamavam atenção da classe trabalhadora no sentido de que precisavam ter a consciência de que viviam em uma sociedade que está dividida em classe, e que precisavam ter união e lutar para contrapor a esta classe excludente e exploradora.

Marx e Engels deixavam claro que somente tendo essa percepção que os/as trabalhadores/as poderiam romper com a condição de alienação e coisificação provocada pelo sistema capitalista, sistema este que é regido pela classe burguesa, pois, "os indivíduos isolados apenas formam uma classe na medida em que têm que manter uma luta comum contra outra classe; no restante, eles mesmos defrontam-se uns com os outros na concorrência" (MARX; ENGELS, 1986, p. 84).

> A transformação da classe trabalhadora em revolucionária é decisiva, pois é justamente o que a eleva, cumprindo sua missão histórica, à condição de sujeito consciente da história. Por isso, Marx disse, opondo-se com essas palavras a todo messianismo ou mitologia do proletariado como classe oprimida e explorada, *que o proletariado é uma classe revolucionária, ou não é nada*. Portanto, embora seja certo que o proletariado exista objetivamente como classe explorada, independente da consciência que tenha da sua própria existência de classe, também é verdade que – *como classe revolucionária* – sem certo grau de consciência de seu ser de classe que é justamente a consciência socialista (VÁZQUEZ, 2007, p. 298-299, grifos do autor).

Toda essa contextualização em relação ao trabalho-educação me fez perceber o quanto é importante apreendermos as relações historicamente imbuídas em meio aos contextos sociais marcados pela desigualdade social e pela sobreposição de uma classe social a outra. Ao mesmo tempo levar em consideração que a educação é uma peça fundamental nesse processo, e que tem um papel fundamental na sociedade como sendo um espaço capaz de promover ao ser humano reflexões necessárias acerca da realidade

em que está inserida e principalmente dar possibilidades de formar sujeitos conscientes, críticos e reflexivos, capazes de promover mudanças na sociedade.

3 Considerações Finais

A educação pode proporcionar a formação de um sujeito crítico, consciente, capaz de conhecer o seu papel perante a sociedade, como sujeito autônomo, que luta pelos seus direitos conquistados pelas lutas sociais. Desde que se tenha como princípio de formação está ideologia contra hegemônica, que rompe com as estruturas da sociedade de mercado, a qual forma mão de obra barata para atender a demanda do mercado capitalista.

Para construir está sociedade mais humana, justa e solidária é preciso considerar todos os espaços de formação, seja em um âmbito escolar, ou em um espaço não formal, valorizando o processo de ensino-aprendizagem que acontece em vários espaços em que haja a troca de experiências. Fator este que está imbuído na relação trabalho-educação e na constituição do ser humano.

Neste refletir sobre a importância da educação é uma das possibilidades de proporcionar aos sujeitos o conhecimento para uma construção educativa que irá se concretizar em transformações, florando um sentimento de solidariedade, desencadeando novas relações de trabalho, pautados na cooperação e no trabalho coletivo.

Por isso, podemos dizer que a educação se situa invariavelmente no diálogo necessário entre duas categorias fundamentais, o trabalho como princípio educativo e a formação humana, como sendo essencial para formar sujeitos críticos e reflexivos, capazes de pensar e propor transformação da realidade. Podemos dizer que este processo perpassa pela construção de identidade, e pela tomada de consciência, pelas quais se concebe na relação trabalho-educação. Tais questões fortalecem as relações humanas e o processo de humanização como enfatiza Freire que humanizar-se significa conceber-se como sujeito da própria história e superar a “contradição opressores-oprimidos, que é viável na e pela libertação de todos” (2011, p. 35).

Podemos dizer que esse processo deve acontecer de forma coletiva, fomentada pela efetiva participação da classe trabalhadora, que devem se organizar em busca de uma educação transformadora que tenha como pauta a formação humana, e legitime a conquista de direitos.

Referências

CAETANO, Edson; NEVES, Camila Emanuella Pereira. A Produção da Vida em Comunidades Tradicionais da Baixada Cuiabana: trabalho e saberes da experiência. XII Encontro de Pesquisa em Educação/Centro Oeste. **Anais...** Pós Graduação e Pesquisa em Educação: contradições e desafios para a transformação social. Goiás. Anped Centro Oeste, 2014.

CRUZ, Marcia Aparecida de Barros da. Processo de Formação e Organização para o Trabalho Coletivo da Juventude Camponesa do Assentamento Roseli Nunes – Mirassol D'oeste/MT. 145 f.; (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Educação, Faculdade de Educação e Linguagem, Campus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.

CHESNAIS, François. **Mundialização:** o capital financeiro no comando. Publicado em Les Temps Modernes, 607, 2000 e reproduzido com a permissão do autor e da revista. Tradução de Ruy Braga.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio, CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral dos trabalhadores. In: COSTA, Hélio da e CONCEIÇÃO, Martinho. **Educação integral e sistema de reconhecimento e certificação educacional profissional.** São Paulo: Secretaria Nacional de Formação - CUT, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich**. O manifesto comunista 150 anos depois**. Rio de Janeiro: Fundação Perseu Abramo,1998.

MÉSZÁROS, István. **A Educação Para Além do Capital** / István Mézarós; [tradução Isa Tavares]. – 2.ed. **-** São Paulo: Boitempo, 2008. – (Mundo do Trabalho)

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. **Revista Brasileira de Educação**. v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLASCO; São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007.